

REMANDO EM ÁGUAS DA ANTROPOLOGIA: MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO ANTROPOLÓGICA SOBRE O REMO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS¹

PADDLING IN WATERS OF ANTHROPOLOGY: MAPPING OF ANTHROPOLOGICAL PRODUCTION ON ROWING IN THE BRAZILIAN SOCIAL SCIENCES

Cristhian Cajé²
Carmen Rial³

RESUMO

Este trabalho apresenta, a partir do método de análise histórica bibliográfica, um primeiro passo para a construção de uma cartografia estrutural para a revisão da literatura sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras. A presença de estudos de futebol em um artigo voltado para o remo explica-se por sua onipresença - onde buscamos remo, encontrávamos o futebol. Permitindo, assim, compreender a produção histórica sobre esse esporte dentro do espectro de temáticas que fazem parte do campo da Antropologia do Esporte. Por meio do mapeamento, podemos familiarizar-nos com um arcabouço teórico da produção científica a nível nacional, primeiramente, e internacional, posteriormente. O objetivo principal deste mapeamento é situar o remo, a partir de uma bibliografia base, um ponto de partida para futuras análises sobre a dinâmica de produção de temáticas neste vasto campo interdisciplinar que chamamos de Ciências Sociais do esporte. Trata-se de um mapa, de uma primeira abordagem, na qual não entramos em considerações epistemológicas das opções dos diversos autores. Isso poderá bem ser o tema de um próximo artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Mapeamento, Bibliografia, Remo, Antropologia.

¹ Este trabalho contou com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, no Brasil, em parceria com o NUFFIC - *Dutch organization for internationalization in Education*, na Holanda.

² Doutor em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador do Núcleo de Antropologia Visual e Estudos da Imagem - NAVI. Atua na interface entre antropologia, produção audiovisual e relações de gênero em contextos urbanos. E-mail: cristhiancaje@gmail.com.

³ Jornalista e Antropóloga, possui doutorado pela Université Paris Descartes-Sorbonne (1992). Professora Titular do Departamento de Antropologia da UFSC (1982), atuando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, como coordenadora. E-mail: rial@cfh.ufsc.br.

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

ABSTRACT

This paper presents, from the method bibliographical historical analysis, a first step for the construction of a structural cartography for the literature review on rowing in Brazilian Social Sciences. The presence of football studies in an article focused on the paddle is explained by its omnipresence – where we look for rowing, we found football. Thus, allowing to understand the historical production about this sport with in the spectrum of themes that are part of the field of Anthropology of Sport. Through mapping, we can familiarize ourselves with a theoretical framework of scientific production at the national level, first, and later internationally. The main objective of this mapping is to place, from a base bibliography, a starting point for future analyzes on the dynamics of thematic production in this vast interdisciplinary field that we call the social sciences of sport. It is a map, a first approach, in which we do not enter in to epistemological considerations of the options of the different authors. This may well be the subject of an upcoming article.

KEYWORDS: Mapping, Bibliography, Rowing, Anthropology.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surge a partir das inquietações levantadas durante o curso de leitura sobre Antropologia do Esporte realizado em 2015, com a supervisão da Professora Carmen Rial, durante a primeira etapa da construção do remo como objeto de pesquisa. Naquele período, em que tentávamos identificar um referencial bibliográfico, nos deparamos com a falta de uma literatura específica sobre o remo, especialmente frente ao amplo destaque que o futebol tem nas Ciências Sociais.

Posteriormente, esse esforço foi retomado e ampliado durante a escrita deste texto, em 2018, período em que ocorreu o estágio de doutorado na *Vrije Universiteit Amsterdam*. Portanto, a análise preliminar que se segue inclui também dados coletados na biblioteca desta universidade, assim como artigos acadêmicos publicados em revistas internacionais, de modo a identificar alguns padrões de produção científica sobre a modalidade do remo lá fora. Esse material nos permitiu traçar semelhanças e diferenças na produção sobre o remo no Brasil.

O texto que se segue está dividido em quatro seções. A primeira descreve os critérios metodológicos, definindo tanto os limites do *corpus* (textos incluídos, revistas consideradas, etc.), quanto as técnicas de processamento desses textos. A segunda seção

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

apresenta os dados obtidos, classificando um pequeno conjunto de informações disponíveis com o objetivo de mostrar o panorama da produção sobre remo a nível nacional, realizando uma análise preliminar das obras indicadas, apresentando as principais fontes para futuras pesquisas. Na terceira seção, apresentamos dados da pesquisa realizada nos arquivos da biblioteca da *VrijeUniversiteit Amsterdam*, comentando brevemente sobre os textos selecionados. Finalmente, na última seção, delineamos considerações gerais sobre a produção bibliográfica sobre o remo nas Ciências Sociais na atualidade.

CRITÉRIOS METODOLÓGICOS

O mapeamento bibliográfico é uma das formas mais antigas de pesquisa, especialmente no que diz respeito à revisão de uma literatura específica. Vale lembrar que o filósofo grego Aristóteles expôs que é necessário o exame histórico-crítico do pensamento dos filósofos que o precederam para fundamentar a base teórica de sua *sophis*⁴. Em outras palavras, a revisão bibliográfica da literatura é essencial para estabelecer as bases teóricas de uma área do conhecimento. Através desse método, podemos objetivar nosso olhar sobre o remo, permitindo-nos, assim, ampliar a perspectiva sobre os estudos antropológicos de outros esportes, no Brasil e fora dele, constatando que eles passaram e continuam passando por diferentes fases de produção. Lembrando autores que citamos na primeira seção, na produção de pesquisas dentro do campo de conhecimento sobre esporte, nada se compara a esta última década (2009 - 2019), com o advento dos grandes eventos esportivos que aconteceram no país, quando houve um significativo crescimento da sua produção literária.

O esporte nas Ciências Sociais brasileiras vem ganhando um espaço cada vez mais significativo nas últimas décadas por este motivo, e em especial a partir dos anos noventa, quando muitos intelectuais que se voltaram ao desenvolvimento desse campo concederam ao futebol um lugar de relevo em sua agenda de pesquisa. Por esse e outros motivos, a produção acadêmica sobre esporte está hoje entre as mais antigas, prolíficas

⁴De origem grega, significa “Ciência das causas primeiras”.

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

e reconhecidas áreas de produção científica a nível nacional e internacional, mas o fato de o futebol ser tão tradicional não é sinônimo de imutabilidade dentro da sua própria dinâmica.

Mapear a produção literária de outra modalidade esportiva dentro desse campo não parece ser uma tarefa simples, a princípio. Requer um olhar metodológico para definir certos critérios e estabelecer algumas fronteiras. Dessa forma, comecei a montar as fronteiras a partir de dois tipos de materiais: o que foi produzido nos mestrados e nos doutorados das universidades; e a publicação de artigos acadêmicos em congressos de Antropologia e revistas especializadas sobre a temática do esporte.

O recorte temporal foi definido por dois critérios: no primeiro consideramos o período de surgimento de importantes publicações de dossiês e coletâneas temáticas (2006) como um marco para a possibilidade de uma leitura disciplinar abrangente sobre o campo, trazendo a perspectiva histórica necessária para nos situar; e o segundo critério foi determinado a partir da criação de grupos de trabalhos (GT's) em importantes congressos bienais de Antropologia, dando surgimento aos primeiros aglomerados de pesquisadores que, posteriormente, deram continuidade sistemática às discussões sobre a centralidade do esporte como ferramenta para entender os mais diversos fenômenos sociais da contemporaneidade, assim como a função das Ciências Sociais para o entendimento do esporte nas outras áreas de conhecimento. O recorte temporal, portanto, foi necessário também devido ao curto espaço disponível para uma análise preliminar e à quantidade considerável de revistas acadêmicas brasileiras ligadas às Ciências Humanas.

Uma classificação importante para este trabalho foi a de identificar uma literatura na qual o remo, ou *rowing*, apareça como objeto de estudo antropológico dentro da sua dimensão social - distingue-se, portanto, de abordagens físicas e/ou fisiológicas dos fenômenos esportivos - e, a partir daí, realizar uma análise preliminar abordando alguns aspectos sobre sua situação atual no âmbito da produção de pesquisas dentro da área das Ciências Sociais, apontando para algumas linhas de desenvolvimento. O método de mapeamento utilizado aqui é de natureza interdisciplinar, realizado por meio de procura de conceitos metodológicos encontrados em pesquisa histórica, pesquisa bibliográfica, análise de índices e redes de citações e

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

cartografias *on-line* – revelando uma vasta bibliografia concentrada em duas grandes áreas: Educação Física e História.

Outro critério fundamental foi distinguir o *rowing* de outros esportes como a canoagem ou a vela. O *rowing*, palavra de origem inglesa que significa remo, teve sua origem na Inglaterra, a meados de 1811 e é importado ao Brasil, na sua grande maioria, por imigrantes Lusos e Alemães há mais de 150 anos. Foi o berço de grande parte dos esportes nacionais com a formação dos primeiros clubes esportivos, dando surgimento aos modernos clubes de futebol e de outros esportes. Para a historiografia dos esportes e do lazer, o surgimento dos clubes de remo teve um papel central para a modernidade de grandes centros urbanos Brasileiros. A proliferação da prática em diversos países levou à criação da *Fédération Internationale des Sociétés d'Aviron* (FISA), a mais antiga entidade do gênero no mundo, fundada em 1892. Quatro anos depois, o *rowin* gestaria nos primeiros Jogos Olímpicos modernos, mas as condições do tempo em Atenas impediram a realização das provas, adiando a estreia para 1900, em Paris. Desde então, o esporte integrou o programa de todos os Jogos Olímpicos, segundo dados da Confederação Brasileira de Remo.

Enfim, o método de mapeamento proposto para este estudo permitiu-nos construir uma bibliografia sobre o remo nas Ciências Sociais, elaborado a partir do mapeamento exploratório de busca *on-line*, com o objetivo de desvendar uma literatura básica, e base para quem decidir futuramente realizar pesquisa sobre esse esporte. A bibliografia construída a partir deste estudo é composta por textos que consideramos clássicos e fazem contribuições fundamentais ao campo do conhecimento da Antropologia do Esporte. São referências bibliográficas que expõem as conexões entre elas, revelando conceitos cedidos, referências cruzadas ou formulações paralelas, próprios da coesão de um campo do conhecimento. Dessa forma, a representação do estudo em gráficos e organogramas foi definida para compreender, de maneira visual, a estrutura historiográfica dessa temática e do surgimento de uma literatura sobre o remo, em congressos, revistas e base de dados científicos, com base nos textos citados.

CLASSIFICAÇÃO DA BIBLIOGRAFIA

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

É quase um consenso entre teóricos que o despertar pelo esporte nas Ciências Sociais no Brasil tem muito a ver com o fato dessa área ter-se voltado para o estudo de grupos urbanos desde a década de 1970. Esse é um dos motivos principais do seu foco maior ter recaído no futebol, “já que nele havia um lugar cativo no cotidiano e no imaginário das classes trabalhadoras urbanas” (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010, p. 295). Não é de se estranhar que essa modalidade tenha se tornado alvo de interesse redobrado de pesquisas, artigos e teses que proliferaram muito desde a década de 1990. A partir dessa modalidade esportiva, outros temas recorrentes foram sendo acrescentados, como as relações entre o futebol e a identidade nacional - é o caso do extenso trabalho de renomados antropólogos como Roberto DaMatta, José Sérgio Leite Lopes e Simoni Guedes, entre outros - dando maior destaque para as questões estéticas, concernentes ao estilo de jogo e o lugar dos negros e das mulheres nesse universo.

Em paralelo a esse movimento, surgem vários trabalhos problematizando a formação e a transferência de jogadores do Brasil para outros países, especialmente para a Europa - ver o extenso trabalho da antropóloga Carmen Rial - e no bojo das discussões sobre projetos de ascensão social e econômica, migração, tráfico de pessoas, exploração de menores, entre outros temas, que, no seu conjunto, conectam os estudos no campo da Antropologia do Esporte com outros temas das Ciências Sociais. Em vista desses antecedentes, e tendo desenhado um contexto *bourdiano* sobre o campo, chegamos às perguntas que norteiam este trabalho: qual o lugar que a temática do remo tem nesse campo? Qual o número de produção intelectual sobre esse esporte na produção interdisciplinar que chamamos de Ciências Sociais do Esporte? Como identificamos uma literatura específica sobre remo, para produzir uma tese, em meio à vasta produção acadêmica sobre futebol?

Quando começamos esta pesquisa, todos os caminhos nos apontavam para as fontes de arquivos e livros que delimitam o remo à história do esporte, à história do corpo moderno ou à história do lazer, associando constantemente sua prática a uma atividade ligada à produção do espírito da modernidade. Posteriormente, constatamos que essa produção é bastante densa dentro de áreas como História e Educação Física, e que se concentram basicamente em pequenos núcleos de Programas de Pós-Graduação nas áreas da História e no trabalho e esforços isolados de alguns pesquisadores e

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

profissionais da Educação Física, que tentam construir um saber interdisciplinar sobre esse campo de conhecimento.

Esse é o caso do Laboratório de História do Esporte e do Lazer - SPORT, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a qual foi uma das pioneiras em realizar pesquisas com o objetivo de “preservar a memória do remo (documentos, fotografias, obras de arte, filmes, letras de música, obras literárias, depoimentos e todo tipo de fonte que possa contribuir para o desenvolvimento de estudos históricos), fazendo uso de recursos eletrônicos/da internet para difusão do material coletado. Em Santa Catarina, particularmente na UFSC, os estudos acerca do remo se centraram nas áreas da Educação Física, da História e, muito timidamente, na Educação. No entanto, no ano de 2008, o Laboratório de História e Arte (Labharte) organizou um grupo de pesquisa sobre a presença do remo na capital catarinense, que seria coordenado pelas Professoras Maria Bernardete Ramos Flores e Henrique Espada.

A construção desse núcleo e o seu legado - uma produção pequena, mas muito significativa de teses e artigos acadêmicos - constitui-se como uma ferramenta fundamental para esta pesquisa, na tentativa de historicizar o remo, não só em Florianópolis, mas dentro de um contexto que podemos considerar um fenômeno nacional. A bibliografia base desses trabalhos nos levou a delimitar nosso objeto, ajudando a construir um referencial teórico no estado de Santa Catarina e no sul do país. Foi assim que chegamos a trabalhos como a do Maury Dal Grande Borges, *Remando nas águas da história* (2002), de Henrique Licht, *O remo através dos tempos* (1986), de Carlos B. Hofmeister, *A pequena história do remo gaúcho* (1978), e na dissertação de mestrado de Carina Sartori, *Na Alvorada de um Sport: o remo na ilha de Santa Catarina* (2013), a qual foi apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Com esses primeiros referenciais bibliográficos norteadores, seguimos em busca de ampliar nossos horizontes.

A partir daí, decidimos ampliar o referencial e partimos para a busca de uma bibliografia com dois tipos de materiais: tudo aquilo que tenha sido apresentado em anais de congressos e eventos acadêmicos (comunicações orais, resumos, mesas redondas) e o banco de dados da CAPES e CNPQ sobre a produção recente de teses e

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

dissertações nas Ciências Sociais no Brasil. Aqui foi necessária a escolha de alguns critérios pré-definidos, que posteriormente nos ajudaram a estabelecer algumas fronteiras: a interdisciplinaridade foi uma delas, já que a maioria da produção científica que encontramos se concentra em revistas de programas de Pós-graduação em Educação Física e História.

Em seguida percebemos que, de dez anos para cá (2008 -2019) e, em especial, a partir dos últimos cinco anos, o surgimento do campo da Antropologia do Esporte vem se consolidando com mais força no cenário político disciplinar na Antropologia brasileira com o surgimento de Grupos de Trabalhos (GT's), assim como da criação de disciplinas sobre essa temática que começaram a ser oferecidas nos currículos de Programas de Pós-Graduação na área de Antropologia, e também de pesquisas sistemáticas sobre várias modalidades de esporte que começaram a ganhar protagonismo na agenda de núcleos de pesquisa, dando maior protagonismo a atores, grupos e redes de pesquisadores especializados nas mais variadas modalidades. Revistas e publicações de grande alcance no meio antropológico também começaram a tratar o esporte com destaque e digno do interesse das Ciências Sociais, assim surgem edições especializadas, dedicando maior espaço ao tema. Portanto, dez anos é um tempo considerável para termos um panorama político recente sobre esse campo e também é um período que possibilita um bom trabalho frente ao grande número de informação no espaço que um capítulo comporta.

Dessa forma, com as fronteiras estabelecidas, partimos para o levantamento de artigos acadêmicos, começando com uma pesquisa em anais dos congressos bienais, disponibilizados em portais *on-line*, como: a Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), a Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), a Reunião Equatorial de Antropologia (REA), a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e o Seminário Internacional Fazendo Gênero (FG), também em artigos encontrados nas revistas: Horizontes Antropológicos, Mana, Revista de Antropologia, Anuário Antropológico, Movimento, Vibrant, Revista Brasileira da Ciência do Esporte, incluindo resultados preliminares de uma parte da pesquisa sobre dados baseados nos textos acadêmicos disponibilizados pelo portal de divulgação científica SciELO.br.

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

Uma consulta rápida no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq com a palavra-chave “remo” deixou uma coisa bastante clara: a absoluta superioridade numérica dos grupos de pesquisa ligados à Educação Física que têm esse termo em suas ementas ou títulos. Por assim dizer, o remo “pertence” mais à Educação Física e à História do que às outras disciplinas das Ciências Sociais - como já foi salientado, é nessas duas áreas que se encontra a maior concentração de grupos de pesquisa e publicações, além da mais antiga associação acadêmica de estudos desse esporte. A ênfase na área da Saúde marca a maior parte do enfoque e leva a uma progressiva aproximação aos estudos do esporte em perspectiva social, mas não nos deteremos nesses trabalhos.

A pesquisa em portais *on-line* dá uma vantagem importante, já que se trata de uma pesquisa quantitativa, e, claro, algumas dificuldades. A investigação que fizemos nos *sites* se apoia predominantemente em dados obtidos entre 2018 e 2019, as informações armazenadas aqui nos permitiram uma análise estatística das publicações, mas caso alguma informação não tenha sido salva ou arquivada, foge completamente do nosso empreendimento. Assim, utilizamos pesquisas anteriores que fizeram uma análise sobre o campo de concentração de estudos e o conhecimento teórico para a escolha das variáveis, isso nos permitiu elaborar algumas hipóteses sobre nossas dúvidas a partir das análises a seguir.

Por último, vale a pena ressaltar que, quando retomamos essa pesquisa nos arquivos da *Vrije Universiteit Amsterdam*, deparamo-nos com o mesmo padrão de produção de conhecimento. O remo aparece com um expressivo número de citações em títulos de teses e artigos locados majoritariamente nas áreas da Saúde, da Educação Física e da História, assim como em um número surpreendentemente grande de trabalhos nas áreas das Neurociências e da Farmacologia. Claro que isso também se deve à absoluta popularidade que esse esporte ainda goza nos Países Baixos e à grande participação desses atletas na mídia, na vida da cidade e na vida acadêmica nas universidades. Uma realidade muito diferente do que ocorre no Brasil, onde justamente as áreas de concentração de pesquisa em que nos refugiamos demonstram o quanto o remo vive um momento de decadência. Convertendo-se em um objeto de patrimônio da

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

cidade, como é o caso de Florianópolis, onde é associado diretamente com o passado, com uma *belle époque* e não como um lugar onde se produzem atletas atualmente.

CONGRESSOS: ANPOCS, RBA, REA, ABANNE, RAM E FAZENDO GÊNERO

Em termos de participação em eventos, existem vários Grupos de Trabalho (GT's) espalhados em congressos importantes na área das Ciências Sociais e na Antropologia. Um dos encontros de maior destaque no cenário nacional é o da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), que acontece anualmente na cidade de Caxambu (MG) e que concentra trabalhos nas áreas de Ciências Políticas, Sociologia, Relações Internacionais e Antropologia. Nos anais dos encontros anteriores desse evento, disponíveis no *site* da Associação, encontramos o grupo de trabalho “Esporte e sociedade”, que aparece a partir do ano de 2010, na edição organizada pelos Professores Arlei Damo e Josimar Morais.

Os encontros desse GT, que se reúnem há mais tempo do que nosso recorte temporal inclui, acontece com uma frequência quase anual - com algumas exceções entre 2015 e 2016, constatamos que não houve registro de nenhuma participação de trabalhos referentes ao remo nos últimos dez anos. Somente em 2019 foi incluído na programação do 43º encontro dentro do Seminário Temático nº 29, “Pensando as décadas esportivas: Análise social do futebol e dos eventos esportivos realizados no Brasil”, a apresentação de um trabalho, de autoria de Cristhian Cajé, sob o título: *Alvorada do Remo: (Re)Pensando a Memória e a Identidade do Clube de Regatas Riachuelo a partir das narrativas imagéticas do seu Acervo Fotográfico*- que apresentou uma análise social sobre o remo.

No portal da Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) - o maior congresso a nível nacional de Antropologia, que acontece com uma frequência bianual e é organizado pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em parceria com Universidades Federais - podemos constatar que, a partir do 22º encontro, realizado em Brasília, nos dias 16 a 19 de julho do ano de 2000, o fórum de pesquisa 28: Futebol, Antropologia e Imagens, coordenado por Carmen Silvia Moraes Rial (UFSC) e José Sérgio Leite Lopes (Museu Nacional/UFRJ) inaugura a tradição dos Grupos de Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

Trabalho sobre esporte nesses eventos no país. Mas, somente a partir do 27º encontro, que aconteceu em 2010, e que teve lugar na cidade de Belém do Pará, aparece o GT “Antropologia do Esporte” - nesse ano organizado pelos professores Arlei Damo e Luiz Fernando Rojo Mattos. Nessa edição, encontramos os dois primeiros trabalhos que trazem uma modalidade de esporte náutico, como objeto de análise antropológica.

O primeiro trabalho leva o nome de *O campo no mar: fazendo observação participante na vela*, de autoria do professor Luiz Rojo; e o segundo, apresentado na modalidade de pôster por alunos de graduação, tem o título *Construções do feminino na vela: meninas em um projeto social*, de Gabriela Rodrigues Carlos e Felipe Viana G. Brandão, sob a orientação do professor Rojo. Ambos são centrados na experiência de uma escola de vela em um dos Clubes Náuticos da cidade de Niterói - RJ. Em 2012, no 28º encontro da RBA, o autor Luiz Rojo volta a publicar um texto, que se desmembra da mesma pesquisa, sob o título de *Vela ou motor: construindo identidades e delimitando pedaços em terra ou no mar*. E, em 2016, durante o encontro número 30º, o autor publica: *O gênero para além do sexo: discussões a partir de uma etnografia na vela de Niterói (RJ)*.

A prolífera produção do professor Luiz Rojo sobre a vela é fruto de uma pesquisa de três anos (2009 - 2012) entre os alunos do Projeto Grael - ONG localizada no bairro de Jurujuba, do município de Niterói, que oferece aulas de vela e cursos profissionalizantes para crianças e jovens dos nove aos 24 anos de idade da rede pública de ensino. Todas as análises sobre a temática que esses trabalhos trazem são, sem dúvida alguma, materiais relevantes para qualquer pesquisa que se pretenda trabalhar no contexto de esportes náuticos, já que aparecem como os primeiros estudos sobre essa modalidade esportiva em que o olhar é direcionado pelas lentes da Antropologia.

No último encontro da RBA, em 2018, teve a apresentação do trabalho *Rosa que nada! Elas vestem azul marinho⁵: uma etnografia das relações de poder e gênero que envolvem as torcedoras do Clube do Remo*, da doutoranda Aline Freitas. Por mais que o nome possa chamar a atenção na procura feita por caracteres, o artigo faz referência ao Clube do Remo da cidade de Belém do Pará, clube que teve seu início nas regatas, mas

⁵ Mantivemos o título original de todos os trabalhos. Mesmo aqueles que foram publicados em letra maiúscula, manteve-se o formato original, deixando as letras em maiúsculo.

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

que hoje se dedica exclusivamente à prática do futebol. Consideramos esse caso emblemático, pois ilustra como, de maneira muito sutil, a histórica longa relação que existe entre os dois esportes: relação que fica muito evidente quando vasculhamos nos arquivos das universidades e a encontramos presente em trabalhos que se debruçam sobre a história das cidades ou a história da modernidade no Brasil.

A Associação Brasileira de Antropologia, a ABA, é também responsável pelo apoio à organização do congresso da Reunião Equatorial de Antropologia (REA), que teve sua sexta edição em dezembro de 2019 em Salvador (BA), e da Reunião de Antropologia do Norte de do Nordeste (ABANNE), que está na sua nona edição. Os dois eventos têm uma frequência de realização menor e não cumprem com o calendário bianual que normalmente seguem os congressos, mas ambos apresentam sempre uma expressão considerável de participação e publicação de trabalhos acadêmicos bastante significativas no que corresponde à produção científica das regiões Norte e Nordeste. Nos últimos anos, esses dois eventos também registraram, em quase todas as suas edições, encontros de grupos de trabalhos na área de Antropologia do Esporte, porém, em nenhum deles foi apresentada alguma comunicação oral - ou qualquer outro tipo de pesquisa - que incluísse o remo como objeto de análise, nem algum outro esporte náutico que se aproximasse dessa prática.

Por sua vez, na Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), podemos encontrar em quase todas suas edições um Grupo de Trabalho (GT) dedicado especificamente à temática do esporte. Esse encontro bianual se consagrou na região Sul do Brasil como o maior evento de Antropologia e abriu um caminho importante para a internacionalização da pesquisa e para a oferta de espaço institucional para apresentação das pesquisas nessa área. Vários/as pesquisadores/as de países vizinhos começaram a participar e a trazer experiências mais ampliadas, dentro do já proclamado futebol e de outros esportes. As edições de 2005, em Montevideu, 2007, em Porto Alegre, e 2009, em Buenos Aires, perderam o domínio dos portais *on-line*. Tivemos acesso aos CDs para obter as informações sobre os trabalhos apresentados. Em nenhum desses encontros teve a presença do remo. As edições seguintes, de 2011, em Curitiba, 2013, em Córdoba, 2015, em Montevideu, e 2017, em Missões, Argentina, ainda mantêm as

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

informações sobre os GT's nos domínios disponibilizados pelo próprio evento, mas também não encontramos registros de trabalhos que discutam o remo.

Na edição da XIII - RAM, realizada em Porto Alegre, em julho de 2019, no GT 16 - *Antropología de los deportes y practicas de ocio*, foi apresentado os dados iniciais desta pesquisa. Lá foi possível dialogar com alguns dos autores aos quais nos referimos no decorrer deste trabalho: aqueles que citamos como norteadores de uma visão de campo sobre o esporte, e muitos deles com uma trajetória de anos participando desse e outros eventos nas Ciências Sociais. Pessoalmente, pode-se constatar que o remo, especificamente, esteve ausente nas pesquisas apresentadas durante esse recorte temporal. Um outro dado interessante que surgiu durante o diálogo é novamente a proximidade do futebol como esporte que teve parte de suas origens ligada aos clubes de regatas em cidades, assim como também esteve ligado às fábricas e aos portos como Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo e, conseqüentemente, Florianópolis.

Por último, incluímos nas nossas análises os anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero, que, nos últimos anos, teve um incremento significativo em relação ao número de trabalhos inscritos na área das Ciências Sociais do Esporte, assim como um crescimento importante em relação ao seu protagonismo no cenário político acadêmico nacional e internacional. Encontramos apenas um trabalho apresentado, também de autoria de Cristhian Cajé, no 11º encontro número, que coincidiu com o 13º Encontro Mundial de Mulheres, no ano de 2017, com o título: *Reflexões sobre masculinidade entre atletas mulheres remadoras, na cidade de Florianópolis*.

Os trabalhos de autoria de Cristhian Cajé que aparecem e que compõem a bibliografia sobre remo que foram identificadas nos anais desses eventos, são textos novos, em que se apresentam análises prematuras e dados ainda sem muita discussão sobre o trabalho de campo no Clube Náutico Riachuelo, iniciado em 2015, em Florianópolis. Consideramos isso, em si, um dado importante para a pesquisa, já que evidencia a falta de outras pesquisas nas áreas das Ciências Sociais sobre o remo - especialmente na Antropologia - e, mesmo que haja uma relação estreita e muito presente com o futebol desde meados do século XX, coloca em evidência a importância deste texto para a produção do campo na Antropologia do Esporte - além da evidente

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

inovação como temática frente ao numeroso conjunto de pesquisas em relação a outras modalidades esportivas.

REVISTAS: HORIZONTES, MANA, ANUÁRIO, MOVIMENTO, VIBRANT, ILUMINURAS E REVISTA BRASILEIRA DA CIÊNCIA DO ESPORTE

Apesar de ser um dos campos mais tradicionais e consolidados das Ciências Sociais brasileiras, os estudos sobre esporte sofreram transformações importantes nas últimas décadas, coincidentes com a chegada da agenda dos megaeventos esportivos e sua dimensão política e social no Brasil. Podemos considerar essa agenda como um marco para a historiografia desse campo. No entanto, sem detalhar muito uma definição para o que seriam esses mega acontecimentos, poderíamos pensá-los como uma constelação de eventos articulados, no centro do qual se situam, principalmente, um espetáculo ritual de dramas e tensões de grande interesse antropológico. Por outro lado, os estudos “clássicos” sobre esporte começam a ser publicados no início dos anos 1980, e a organização política dos/as pesquisadores/as dessa área ainda revela traços de incipiência típicos de um campo em desenvolvimento. Foi a partir dos encontros regulares entre pesquisadores, fomentado pelos congressos citados anteriormente, que se formaram as bases para os primeiros Grupos de Trabalho que posteriormente se consolidaram em núcleos de pesquisa, dando origem, assim, a diversos livros e números especiais de revistas que foram lançados, especialmente a partir de 2006.

A coletânea “Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional” (Niterói, Intertexto, 2006), organizada por Édison Gastaldo e Simoni Guedes, inaugura uma dessas etapas e, posteriormente, o número da revista *Virtual Brazilian Anthropology* (v. 6, n. 2, 2009) com o dossiê *Anthropology of Sport*⁶, organizada por Simoni Guedes e Carmen Rial, junto ao número especial da *Horizontes Antropológicos* (n. 30, 2008)⁷, denominado “Antropologia e Esporte”, organizado por Arlei Damo, Simoni Guedes e Ruben Oliven. Essas edições juntam-se com força à tarefa de reunir

⁶**Anthropology Of Sport.** *Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, v. 6, n. 2, 2019. Disponível: <http://www.vibrant.org.br/issues/v6n2/>. Acesso em: ago. 2018.

⁷**Antropologia e Esporte.** *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 30, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-718320080002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: ago. 2018.

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

um número de trabalhos que traduzem, ilustram, tencionam e dialogam com as várias questões do campo suscitadas aqui. Por último, em 2013, a *Horizontes Antropológicos* volta a lançar um número, na edição 40⁸ da revista, dedicado aos megaeventos esportivos. Nessa edição temática, os colaboradores ultrapassam as fronteiras nacionais com trabalhos dedicados aos eventos mundiais que aconteceram dentro e fora do Brasil nas últimas décadas.

Pela proximidade cronológica com a Copa do Mundo, mas também pela tradição que o futebol tem nesse campo, a maioria dos artigos dessas revistas se centra nas tensões dos eventos de 2014 e dos Jogos Olímpicos do Rio de 2016, dando um espaço privilegiado para as análises políticas em torno deles. Em nenhuma dessas coletâneas - que são de grande importância para o campo da Antropologia do Esporte -, encontramos algum estudo referente ao remo - ou que faça referência ao esporte náutico. O único texto ao qual tivemos acesso, e depois de muito vasculhar em todas as edições dessas revistas, foi um artigo publicado na Revista *Iuminuras* - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - NUPECS/LAS/PPGAS/IFCH/UFRGS, intitulado: *Projetos para envelhecer: etnografia das formas de sociabilidades e das trajetórias de vida de veteranos do remo*, do Luciano von der Goltz, orientado pela Professora Cornelia Eckert. Esse seria o único trabalho produzido estritamente dentro de um programa de Pós-Graduação em Antropologia, que inclui uma etnografia produzida a partir da experiência do remo na cidade de Porto Alegre - RS.

Por esse motivo, decidimos ampliar o repertório de revistas gerenciadas apenas dentro de programas de Pós-Graduação em Antropologia para revistas que tenham um diálogo interdisciplinar, que incluam o conhecimento antropológico às áreas da Sociologia, da História e da Educação Física. Pesquisamos, então, duas das maiores revistas da área da Educação Física que dialogam com as Ciências Sociais: A Revista *Movimento*, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS), que tem como escopo temas relacionados ao campo da Educação Física em interface com as Ciências Humanas e

⁸**Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, n.40, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-718320130002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: ago. 2018.

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

Sociais, mais especificamente em seus aspectos pedagógicos, históricos, políticos e culturais; e a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), publicação sob a responsabilidade do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), atualmente editada e mantida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (UnB). Ao longo de três décadas, a RBCE vem registrando a história da Educação Física brasileira, a partir de diferentes olhares e concepções, de distintas abordagens, temáticas, objetos e problematizações. Em ambas as publicações, o resultado já teve grandes variáveis, apresentando títulos em que o remo aparece como objeto de pesquisa. Trabalhos construídos basicamente a partir do próprio percurso histórico do esporte e de investigações comparadas.

BASE DE DADOS: CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES, DIRETÓRIO DE GRUPOS DE PESQUISA DO CNPq E PORTAL CIENTÍFICO SCIELO.br

Uma consulta ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq com a palavra-chave “remo” deixa uma coisa bastante clara: a absoluta superioridade numérica dos grupos de pesquisa ligados à Educação Física que têm esse termo em suas ementas ou títulos de projetos. Por assim dizer, o remo “pertence” mais à Educação Física do que às Ciências Sociais. É evidente que muitos deles tratam de aspectos não diretamente ligados aos estudos sociais, como bioquímica, biomecânica ou treinamento esportivo. E um número menor, mas expressivo, são os grupos registrados na área da História, que também pesquisam o remo como fenômeno ligado aos efeitos da modernidade, nas cidades, nos corpos e no desenvolvimento urbano de maneira geral. Vamos considerar aqui apenas dois deles, alocados em Programas de Pós-graduação em História e que realizam um trabalho mais interdisciplinar com a Educação Física. O Laboratório de História do Esporte e do Lazer - SPORT, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e o Laboratório de História e Arte (Labharte), da Universidade Federal de Santa Catarina, já citados anteriormente.

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

No catálogo de teses e dissertações da CAPES, realizei a procura a partir dos seguintes filtros: por tipo, teses de doutorado e dissertações de mestrado em todos os programas do país, desde o ano de 1999, colocando como grande área de conhecimento, “Ciências Humanas e Multidisciplinar”; como área de conhecimento, “Antropologia, História, Sociais e Humanidades e Sociologia”; e área de concentração, “Antropologia, História Social, História Cultural, Mudanças Sociais e Patrimônio cultural, identidade e cidadania”. Isso me levou a cinco trabalhos, entre dissertações e teses, dos quais quatro deles tornaram-se de fato um referencial teórico para minha pesquisa posteriormente, são eles: a dissertação de mestrado da Carina Sartori, intitulada *Na alvorada de um sport: o remo na Ilha de Santa Catarina*, defendida em 2013, no Programa de Pós-graduação em História, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), produzida dentro do Laboratório de História e Arte (Labharte).

A tese de Eduardo Karls *Modernidades sortidas: o esporte oitocentista em Porto Alegre e no Rio de Janeiro*, defendida em 2017, dentro do Programa de Doutorado em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), produzida dentro do Laboratório de História do Esporte e do Lazer - SPORT; a dissertação de Felipe Bertaso intitulada *O Futebol Brasileiro no “Jogo” da Patrimonialização Cultural: Uma Análise Interdisciplinar sobre as Relações de Poder*, defendida em 2017, dentro do Programa de Patrimônio Cultural e Sociedade, da Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE; e, por fim, a tese de doutorado do Victor de Melo, atual professor do Programa em Pós-Graduação em História Comparada, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), intitulada *Cidade Sportiva: primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (1849-1903)* e defendida em 1999 dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho (UGF). Essa última merece um destaque, visto que Victor apresenta um dos mais prolíferos trabalhos sobre o remo no contexto do Rio de Janeiro, no campo das Ciências Sociais em diálogo com a Educação Física.

Além da tese, ele publicou uma vasta produção literária que compreende artigos, capítulo de livros e coletâneas sobre aquilo que ele chama de "tradição esportiva perdida no Rio" – referindo-se não apenas à prática do remo, como também a do encantamento e da rivalidade de centenas de torcedores nas regatas dominicais na beira dos Lagos –,

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

debruçando-se sobre a origem dos grandes clubes do futebol carioca (sic), Flamengo, Botafogo e Vasco da Gama, que surgiram como clubes de regatas. Ele analisa os primórdios do “sport” (até meados do século XX era esse o termo utilizado) no Rio de Janeiro em seu momento inicial da construção do que hoje chamamos de Metrópole carioca. A extensão do trabalho da Carina Sartori, em Florianópolis, compara-se à importância que o Melo teve para a pesquisa do remo, ambos pesquisando o remo em cidades muito diferentes e muito parecidas ao mesmo tempo.

Por último, a pesquisa dentro do *Scientific Electronic Library Online - SciELO*⁹, que é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros, mostrou-nos um panorama bastante interessante sobre alguns trabalhos sobre o remo, realizados no Brasil, mas com circulação no exterior. Como é o caso do trabalho de Carolina Fernandes da Silva, Alice Beatriz Assmann, Eduardo Klein Carmona e Janice Zarpellon Mazo, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): *German brazilian rowing associations in Porto Alegre (1917): identity rearrangements in a bellicose conflict*. Ainda que esse trabalho tenha sido publicado pela revista “*Journal of Physical Education*”, que pertence a um programa de Educação Física, a produção desses autores é bastante interdisciplinar, sobretudo com a História, já que aparece uma lista extensa de publicações. Cito alguns desses títulos a seguir¹⁰: “*O conflito do trapiche preto: um confronto entre as torcidas dos clubes de remo porto-alegrenses*”; “*O estabelecimento dos esportes náuticos no Rio Grande do Sul na primeira década do século XX: entre o ruder e o remo*”; “*Os clubes de remo em Porto Alegre (RS) e a recomposição de fronteiras de identidades culturais*”.

A PESQUISA NA VRIJE UNIVERSITEIT AMSTERDAM - VU

A pesquisa na Biblioteca da *Vrije Universiteit Amsterdam* - VU foi realizada durante o período de outubro a dezembro de 2018.

⁹A SciELO é o resultado de um projeto de pesquisa da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, em parceria com a BIREME - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. A partir de 2002, o Projeto conta com o apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

¹⁰ Lista das publicações e seus hiperlinks, no endereço online. Disponível em: <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>. Acesso em: 26 out. 2019.

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

Cabe ressaltar que, com a matrícula em uma instituição estrangeira, se tem acesso a periódicos diferentes daqueles que já havíamos pesquisado no Brasil e, muito rapidamente, saltou aos nossos olhos a evidente repetição de alguns padrões nas linhas de produção sobre o remo nas Ciências Sociais, como a relação massiva de artigos nas áreas da Educação Física e da História, por exemplo. Também nos deparamos com algumas variáveis bem interessantes que seriam fundamentais para entender a própria dinâmica do campo da Antropologia do Esporte no Brasil e na Holanda. Dessa forma, dentro do universo de publicações encontradas, vamos centrar as análises em cinco artigos distribuídos em três revistas, visto que elas mantêm esse perfil interdisciplinar sobre o remo a partir da história comparada.

O primeiro artigo, intitulado: “*Rowing 'at home' and 'away': heritage and identity in the Malay world*”, da antropóloga australiana Wendy Mee, publicado na revista britânica *Identities: global studies in culture and power*, em 2017, baseia-se em uma comparação das identificações culturais que acompanham a participação dos sambas malaios em competições de remo “em casa” e “fora”. Os sambas malaios são cidadãos indonésios da regência dos sambas, que etnicamente se identificam como malaios. Lá, as competições de remo fornecem a infraestrutura sociocultural para o desenvolvimento de identificações culturais locais e translocais. Duas identificações culturais relacionadas, ainda que distinguíveis, são evidentes, cada uma associada a uma infraestrutura de remo específica. Quando as competições acontecem “em casa”, o remo é mergulhado na cultura e na herança local dos sambas malaios. No entanto, os concursos “fora”, em áreas pouco identificadas como “malaios”, geram identificações com uma cultura malaia de base regional. Utilizando uma conceitualização não-positivista de “fronteira”, esse artigo considera a interseção de cultura, política, economia, geografia e mobilidade nas práticas cotidianas de fronteira, produzindo duas identificações culturais sobrepostas. Esse é o único artigo, ao qual tivemos acesso, que foi escrito por uma antropóloga, utilizando categorias analíticas próprias da Antropologia - como cultura, identidade, herança - e publicado em uma revista dessa área - levando em consideração o imenso banco de dados ao qual tivemos acesso.

Outros dois artigos publicados na Revista *Sport in History*, que é uma publicação semestral da *British Society of Sports History*, também chamaram nossa

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

atenção. O primeiro, “*The Women's Amateur Rowing Association 1923 - 1963: a prosopographical approach*”, de autoria da inglesa Lisa Taylor, publicado em 2018. O segundo, o texto “*Against Hegemonic Currents: Women's Rowing into the First Half of the Twentieth Century*”, da canadense Amanda N. Schweibenz, publicado em junho de 2010. Ambos os trabalhos fazem uma análise sobre as relações de gênero dentro do remo, utilizando o método historiográfico.

Taylor (2018) analisou a formação da Associação de Remo Amador das Mulheres (WARA), em 1923, em Londres, como um evento que marcou o início de uma nova fase da história do esporte. Sua fundação sugere, para Taylor, "o compromisso de construir a longevidade, o alcance e a relevância do remo das mulheres". No entanto, no contexto do renomado conservadorismo da Associação de Remo Amador (ARA) que a precedeu e das complexas permissões sociais em torno do esporte feminino no início do século XX, ele também levanta questões importantes sobre a organização e o *status* do remo amador feminino. Esse artigo amplia o entendimento das associações em torno do remo, usando dados e análises prosopográficas¹¹ em conjunto com material de arquivo. Desafia a representação existente dessa comunidade esportiva e da administração como um reflexo feminino da ARA, com o objetivo de replicar suas estruturas e, ao fazê-lo, reforçar sua respeitabilidade e legitimidade de sua prática entre as classes média e alta. A análise aborda a interseção de vidas domésticas, profissionais e esportivas, o papel da educação na participação e administração esportivas e a influência da classe nessas questões.

Schweibenz (2010), ao mesmo tempo, enfatiza que, enquanto os eventos de remo feminino foram formalmente introduzidos no programa do Campeonato Europeu de Remo em 1954, as mulheres remaram por muito tempo antes. No entanto, como outros esportes, a maioria das informações sobre a história do remo se concentrou principalmente na participação dos homens. Reconheceu-se que os homens de elite social eram os únicos participantes no esporte de remo em clubes privados e instituições acadêmicas durante o tempo de lazer, enquanto os homens da classe trabalhadora

¹¹A prosopografia é o estudo da carreira de uma pessoa através da informação sobre a mesma, de maneira constante, a partir de fontes históricas. A pesquisa prosopográfica tem por objetivo desvendar os padrões de relações e atividades via estudo da biografia da coletividade.

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

remaram ao longo de canais, rios e lagos em todo o mundo para sobreviver. Como resultado, a elite conseguiu definir quem tinha permissão para participar do remo 'amador' e em que termos, enquanto o remo profissional era reservado aos trabalhadores. O trabalho da Schweibenz procura examinar a história da participação das mulheres no esporte do remo antes de meados do século XX. Isso mostrará que as primeiras entusiastas do remo não eram meras espectadoras: quando se viram excluídas, as remadoras não foram impedidas de participar e criaram suas próprias oportunidades de remo.

As próximas duas publicações que incluímos nesta amostra aparecem em volumes da revista *Sport, Education and Society*. Essa é uma revista internacional que publica pesquisas sobre pedagogia, política e a ampla gama de questões sociais, culturais, políticas e éticas associadas à atividade física e ao esporte. A revista se concentra nas formas, conteúdos e contextos de educação física e esporte encontrados em escolas, faculdades e outros locais de educação, com a publicação de trabalhos de cientistas da área da Educação Física e áreas interdisciplinares, que trabalham no campo da pedagogia, mas também de profissionais com interesses em questões teóricas e empíricas relacionadas à pedagogia, política e currículo de atividade física e esporte.

O primeiro artigo se intitula, “*Power, consent and resistance: an auto ethnography of competitive rowing*”, de Laura Purdy, Paul Potrac & Robyn Jones, publicado em 2008, e é uma coprodução de pesquisadores da Irlanda, Nova Zelândia e Reino Unido, que apresentam um estudo que se baseia no trabalho sociocultural existente no treinamento esportivo, investigando os significados e as variedades da experiência compartilhada treinador-atleta. Especificamente, o artigo utiliza uma abordagem autoetnográfica na tentativa de traçar o relacionamento complexo e dinâmico que existia entre os autores e o timoneiro de remo, durante a preparação para um campeonato nacional do esporte. As análises são apresentadas a partir da experiência registrada em diário de treinamento - ou “diário de campo”, como o chamamos na antropologia -, com memórias durante os seis meses com o *Coach*. Os dados são apresentados e teorizados principalmente pelos conceitos de poder e resistência de Giddens e o valor do gênero autoetnográfico na sua exploração.

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

O segundo artigo tem o título “*Negation and capital: athletes’ use of power in an elite men’s rowing program*”, publicado em 2009 pelos mesmos autores do artigo citado acima. Novamente, o foco são as relações de poder dentro do clube de remo, apresentando uma etnografia rica e detalhada, examinando como o poder é dado, adquirido e usado por atletas no contexto esportivo de elite. Seus relatos são centrados nas reações de um atleta de nível superior aos comportamentos de seus treinadores e como essas ações contribuem para a criação de um clima de treinamento que influencia e incentiva. A noção de capital de Bourdieu é utilizada principalmente para analisar os dados. As conclusões demonstram como os vários aspectos do capital são definidos, usados e negociados pelos atores sociais no contexto do esporte de elite. O significado do trabalho está na geração de uma maior compreensão da dinâmica do poder no contexto do treinamento.

A Holanda se desenvolveu muito nos últimos anos no campo dos estudos sobre esporte de maneira geral, e a prática do remo é muito frequente em suas cidades, assim como em grande parte das cidades europeias. Esse esporte ainda é uma realidade muito vivida, muito praticada e muito estudada, especialmente nas áreas biomédicas. Mesmo assim, não encontramos nenhum estudo de caso, nenhuma publicação especificamente holandesa que tenha sido realizada em alguns dos seus tradicionais clubes ou canais de água, nem em universidades desse país. Esses cinco artigos foram selecionados dentre um universo de textos que apareceram na busca pela palavra remo nos arquivos que a *Vrije Universiteit Amsterdam* disponibiliza. Todos eles se encaixam nas características da produção de conhecimento sobre o remo dentro da análise das Ciências Sociais, deixando clara a tendência interdisciplinar e predominante das áreas de concentração entre a Educação Física e a História, diferenciando-se das abordagens fisiológicas e médicas sobre o remo.

As áreas de concentração se repetem, assim como as temáticas sobre gênero, identidade e relações de poder. O método historiográfico também apareceu em grande medida para contextualizar o campo, mas o mais inovador nesses textos foi, sem dúvida, a escolha da etnografia dentro dos clubes, como aparecem nos artigos dos autores Laura Purdy, Paul Potrac & Robyn Jones (2008).

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE O REMO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Ao mapear uma bibliografia específica dentro das Ciências Sociais, possibilitamos realizar o exercício breve de reflexão acerca da constituição política do campo de estudos sociais sobre esporte na academia brasileira, conseqüentemente, algumas conclusões podem ser inferidas.

Em primeiro lugar, apesar da qualidade das pesquisas sobre o fenômeno esportivo em áreas como a da Antropologia, da Sociologia, da História, a maior tradição, organização acadêmica e institucional, e o maior volume de pesquisas e publicações, encontram-se na área de Educação Física. Além disso, apesar de ser um dos campos mais tradicionais e consolidados das Ciências Sociais brasileiras, os estudos sobre esporte continuam em constantes transformações, especialmente nos últimos anos, por conta da sua grande capacidade de assimilar e refletir as transformações sociais, da cultura e, sobretudo, dos contextos políticos da atualidade.

Um primeiro dado que salta a simples vista neste estudo é o percentual de publicações sobre o remo que se alocam dentro de duas áreas de conhecimento específicas, a História e Educação Física, e como elas estabelecem um diálogo interdisciplinar muito frutífero com a Antropologia, porquanto se pode identificar o esforço de compreender as sociedades e suas dinâmicas através da lente do esporte, dentro dos paradigmas disciplinares próprios das Ciências Sociais. No entanto, ainda que isso possa ser conectado ao debate sobre uma Antropologia do Esporte mais diversificada, não é possível atribuir esse esforço unicamente a maior quantidade de textos produzidos em programas de Pós-Graduação da História ou da Educação Física. Pelo contrário, o período acompanha uma maior pluralização de temáticas do campo, que deixa de se concentrar em estudos sobre futebol, de um lado, para dar atenção equivalente a outros temas, como a intersecção entre raça e gênero, poder, em outras modalidades esportivas.

Mudanças menos intensas ocorreram na maneira como os cientistas sociais escrevem sobre essa questão. Isso ocorreu no Brasil e na Holanda, como demonstramos aqui. Ou seja, o Brasil está inserido dentro de um modelo de produção de ciência global

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

que aglutina certos tipos de conhecimentos ou temáticas em certas áreas de produção de conhecimento. Os mapeamentos bibliográficos ainda são poucos e vêm perdendo centralidade para modalidades de pesquisas teóricas e empíricas, baseadas em maior parte em técnicas de observação participante e em análises de dados secundários, mas são fundamentais para perceber esse movimento macro sobre produção científica.

Dentre os autores que mais publicaram no *corpus*, merecem destaque aqueles envolvidos direta ou indiretamente com a interdisciplinaridade em suas temáticas. Por fim, consideramos que a bibliografia levantada aqui seja indispensável para futuras pesquisas sobre o remo no campo da Antropologia do Esporte.

REFERÊNCIAS

BORGES, Maury Dal Grande. **Remando nas águas da história: conquistas do remo de Santa Catarina, 1861 - 2002.** Florianópolis: Ioesc, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: UNESP, 2004.

CAJE, Cristhian. **Alvorada do Remo: (Re)Pensando a Memória e a Identidade do Clube de Regatas Riachuelo a partir das narrativas imagéticas do seu Acervo Fotográfico.** In: 43º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, MG, 2019.

CAJE, Cristhian. **Reflexões sobre masculinidade entre atletas mulheres remadoras, na cidade de Florianópolis.** In: 13º Encontro Mundial de Mulheres, Florianópolis, SC, 2017.

FREITAS, Aline. Rosa que nada! Elas vestem azul marinho: uma etnografia das relações de poder e gênero que envolvem as torcedoras do Clube do Remo. In: 31º ENCONTRO DA REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2018, Brasília. **Anais [...].** Brasília: UNB, 2018. p.1-16.

GIGLIO, Sérgio; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: Um panorama (1990-2009). **Revista de História,** São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010.

GASTALDO, Edison. **Sobre estudos sociais do esporte: políticas acadêmicas de um campo em desenvolvimento.** In: ANPOCS, 2011.

HOFMEISTER, Carlos. **Pequena história do remo gaúcho.** Porto Alegre: Corag, 1978.

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

KARLS, Cleber Eduardo. **Modernidades sortidas**: o esporte oitocentista em Porto Alegre e no Rio de Janeiro. 2017. 186 f. (Doutorado em História Comparada) - Universidade Federal Do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, Biblioteca Depositária: Undefined, 2017.

LICHT, Henrique. **O remo através dos tempos**. Porto Alegre: Corag, 2008

MEE, Wendy. Rowing 'at home' and 'away': heritage and identity in the Malay world. **IDENTITIES: GLOBAL STUDIES IN CULTURE AND POWER**, v. 24, n. 4, p. 474 -492, 2017.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva**: O turfe e o remo no Rio de Janeiro (1849-1903). 1999. 178 f. (Doutorado em Educação Física) - Instituição De Ensino: Universidade Gama Filho, Rio De Janeiro, Biblioteca Depositária: UGF, 1999.

PURDY, Laura; POTRAC, Paul; JONES, Robyn. Power. Consent and resistance: an auto ethnography of competitive rowing. **Sport, Education and Society**, v. 13, n.3, p. 319-336, 2008.

PURDY, Laura, POTRAC, Paul & JONES, Robyn. Negation and capital: athletes' use of power in an elite men's rowing program. **Sport, Education and Society**, v.14, n.3, p. 321-338, 2009.

ROJO, Luiz Fernando. **O campo no mar**: fazendo observação participante na vela. *In: 27º Reunião Brasileira de Antropologia*, Belém do Pará, 2010.

ROJO, Luiz Fernando. **Vela ou motor**: construindo identidades e delimitando "pedaços" em terra ou no mar. *In: ENCONTRO DA REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, 2012, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: PUC, 2012.

ROJO, Luiz Fernando. O gênero para além do sexo: discussões a partir de uma etnografia na vela de Niterói (RJ). *In: 30º ENCONTRO DA REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, 2016, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2016. p.1-23.

RODRIGUES, Gabriela; BRANDÃO, Felipe. **Construções do feminino na vela**: meninas em um projeto social. *In: 27º Reunião Brasileira de Antropologia*, Belém do Pará, 2010.

SARTORI, Carina. **Na alvorada de um sport**: o remo na ilha de Santa Catarina. 2013. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Florianópolis, 2013.

SCHWEIBENZ, Amanda N. Against Hegemonic Currents: Women's Rowing into the

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177

First Half of the Twentieth Century. **Sport in History**, v. 30, n. 2, Jun. 2010, p. 309-326.

SILVA, Carolina Fernandes da et al. Associações de Remadores Teuto-Brasileiros em Porto Alegre (1917): Recomposições Identitárias em um conflito bélico. **Journal of Physical Education**, v. 27, n. 1, p.1-12, 2016.

SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon. O conflito do Trapiche Preto: um confronto entre as torcidas dos clubes de remo Porto-Alegrenses. **Journal of Physical Education**, v. 24, n.3, p. 401-412, 2013.

SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon; TAVARES, Otávio. O estabelecimento dos esportes náuticos no Rio Grande do Sul na primeira década do século XX: entre o ruder e o remo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 1, p. 24-31, 2018.

SILVA, Carolina Fernandes da; MONTEIRO, Alberto de Oliveira; MAZO, Janice Zarpellon. Os clubes de remo em Porto Alegre (RS) e a recomposição de fronteiras de identidades culturais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.28, n.3, p.441-452, 2014.

TOBAR, Felipe Bertasso. **O Futebol Brasileiro no “Jogo” da Patrimonialização Cultural**: uma análise interdisciplinar sobre as relações de poder. 2017. 550 f. (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) - Instituição de Ensino: Universidade da Região de Joinville, Joinville Biblioteca Depositária: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, 2017.

TAYLOR, Lisa. The Women's Amateur Rowing Association 1923 - 1963: a prosopographical approach. **Sport in History**, v. 38, n.3, p. 307-330, 2018.

TAYLOR, Lisa. Against Hegemonic Currents: Women's Rowing into the First Half of the Twentieth Century. **Sport in History**, v. 30, n.2, p. 309-326, 2010.

VIANNA, Luciano von der Goltz; ECKERT, Cornelia. Projetos para envelhecer: etnografia das formas de sociabilidades e das trajetórias de vida de veteranos do remo. **Illuminuras**, Porto Alegre, v.12, n. 28, p. 195-208, jul./dez. 2011.

| |
|--|
| Recebido em: 03/02/2020 Aprovado em: 02/04/2020 |
|--|

Remando em águas da Antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras – Cristhian Cajé; Carmen Rial – p. – 152-177